

## Comentário: Flashlets na sala de aula (Biologia e Geologia)

“Sinto que a única aprendizagem que influencia o comportamento de um modo significativo é a auto-descoberta e a auto-apropriação da aprendizagem”.

Acabámos de assistir a uma comunicação que ilustra bem estas palavras. Só que elas foram escritas há 57 anos por Carl Rogers num artigo intitulado *Personal Thoughts on Teaching and Learning* (1952) (este artigo encontra-se no livro de Rogers, de 1969, *Freedom to Learn*).

Na comunicação que acabámos de assistir fomos confrontados com as três dimensões de aprendizagem que importa reter quando se trabalha com o Software Educativo Multimedia (SEM):  
1º qualidade do material (isto é, do SEM);  
2º familiaridade do utilizador com o sistema e com o conteúdo;  
3º desejo que o sujeito tem de aprender.

Nesse sentido, constatámos a riqueza da utilização de animações multimédia (os flashlets) na sala de aula – não são apenas um óptimo meio de transmissão de conhecimentos mas são também um excelente veículo de apropriação de conhecimentos.

Durante a apresentação demo-nos conta de que o Software Educativo Multimedia pode constituir uma importante ferramenta de trabalho com grupos específicos de aprendizagem, nomeadamente com os alunos com necessidades educativas especiais.

Sem dúvida que a retenção e a transferência são talvez os principais objectivos do processo de ensino-aprendizagem. Na medida em que potencia a aprendizagem significativa, esse objecto de aprendizagem facilita a retenção dos principais significados do tema considerado. E, por ser significativa a aprendizagem, o conteúdo poderá ser transferido e aplicado em outros contextos.

A par de tudo isto, importa salientar que não perde relevância o trabalho do docente, enquanto organizador, gestor e mediador dos espaços e processos de ensino e de aprendizagem.

Por fim, eu não seria coerente comigo mesma se não procurasse aqui reforçar a importância da formação contínua dos docentes e o papel dos Centros de Formação.

Nos últimos anos tem-se assistido a um *boom* na utilização e oferta de material multimedia para utilização em sala de aula. Esta explosão tem sido acompanhada por um grande investimento na formação dos docentes em Tecnologias da Informação e da Comunicação. Contudo, em alguns casos esta formação termina quando termina a acção.

Tal como na utilização de uma qualquer linguagem, onde a falta de prática leva ao esquecimento, também na utilização da linguagem informática não importa tanto a formação que se teve mas mais a prática que actualmente se tem e o contexto em que se aplica.

Consequentemente, apresento aqui a tese de que os Centros de Formação deveriam articular com as escolas associadas, no sentido de se constituírem como gestores e difusores de Conhecimento, divulgando práticas e permitindo a partilha, deixando de ser simples (às vezes não tão simples!) organizadores de acções de formação.

No fim de contas, cabe a cada um de nós, que trabalhamos com a educação e o ensino, dentro da sala de aula e na preparação dos conteúdos didácticos, encontrar o equilíbrio entre o

público que temos, a exigência pretendida e a apropriação do conhecimento, por forma a podermos alcançar as metas traçadas.

Este comentário terminaria aqui se não tivesse entrado na livraria da Fundação Calouste Gulbenkian e encontrado a *Didáctica Magna* de Comênio. No capítulo *Método para Ensinar as Ciências em Geral*, este autor do século XVII lembra

6. Por isso seja para os professores regra de ouro: que cada coisa seja apresentada àquele dos sentidos a que convém, ou seja, as coisas visíveis à vista, as audíveis ao ouvido, as odorosas ao olfacto, as saborosas ao gosto, as tangíveis ao tacto; e se algumas podem, ao mesmo tempo, ser percebidas por vários sentidos, sejam colocadas, ao mesmo tempo, diante de vários sentidos, como se disse.... (p.307)

....na comunicação que acabámos de ouvir.

Ana Carneiro Martins

(Directora do Centro de Formação de Escolas do Concelho de Oeiras,  
docente do grupo 520 da Escola Secundária Luís de Freitas Branco)